

# DIGERINDO OS RESULTADOS

(Especial para o "Correio do Povo")

GUSTAVO CORÇÃO

Esta semana é toda de algarismos, mas de algarismos truncados e incertos que os locutores de rádio pronunciam com um exqu岸ito entusiasmo. Segundo me explicaram, a ênfase do locutor é um dever de ofício, que tanto se aplica a sabonetes e biscoitos como ao resultado eleitoral, e no resultado das urnas tanto se aplica às cifras da UDN como aos números do PTB. O entusiasmo do locutor não dá nenhuma garantia da exatidão que é a principal, senão a única perfeição dos números. Parece certa a vitória de Carvalho Pinto e de Afonso Arinos, mas infelizmente não é menos certa a derrota da Frente Democrática no Rio Grande do Sul. Feito o balanço, ponderada a alta significação da derrota de Adhemar de Barros e de Lutero Vargas, deveríamos estar contentes, deveríamos dizer que o povo começa a se desencantar de seus falsos profetas. Infelizmente não consigo achar sólidos fundamentos para tão grande otimismo. Torci por Carvalho Pinto e por Afonso Arinos, desejei ardente-

mente alguns resultados que as urnas até agora abertas confirmam, mas refletindo sobre os episódios do pleito, sinto na taça da vitória um fundo de amargor. Na verdade, meus amigos, o resultado eleitoral não nos diz grande coisa a respeito da saúde de nosso desventurado povo. Em São Paulo, para que um homem notoriamente honesto e capaz vencesse um aventureiro vulgar, foi mister que Jânio Quadros desenvolvesse uma inteligentíssima e prodigiosa atividade publicitária; no Rio, para vencer o vazio, o balofo Lutero, foi preciso que Carlos Lacerda inventasse o caminhão do povo e se multiplicasse em programas de televisão. E assim, com todas as suas incontestáveis e objetivas vantagens, o resultado tem algo de artificial. O que importa acima de tudo para a sorte de um país é a qualidade de seu povo, ora continua a existir, apesar da derrota eleitoral, uma quase metade da população de São Paulo que é ademarista; e uma quase metade da população da Capital que votou em Lutero.

Se esses eleitores usassem uma letra na testa ou um distintivo na lapela poderíamos talvez simplificar alguns problemas de relações humanas. Mas o voto é secreto. O Brasil ademarista ou janguista está por aí, espalhado, dissolvido, misturado e não há nenhuma reação química capaz de produzir no fundo do tubo o precipitado insolúvel. Só o lentíssimo trabalho da cartilha e da taboada poderá expulsar definitivamente de nossos quadros políticos os cafagestes e os patifes que hoje nos molestam e nos envergonham.

Vejam por exemplo o resultado que se anuncia para a Câmara Municipal da Capital da República. Figuras de conhecida desonestidade e de espantosa mediocridade já aparecem com substancial votação. Tudo indica que a nova maioria será igual ou talvez pior do que a antiga. Não houve campanha emocional, programas faiscentes para as eleições de vereadores, e o povo votou mal, muito mal.

Política, meus amigos, não é futebol. No futebol basta um goal a mais para separar infinitamente o vencedor do derrotado. O placard assinala o término do jogo, o irremediável e irreversível fim da peleja. Na política, ao contrário, o placard resolve apenas a escolha dos jogadores que vão começar a partida. Poderão jogar bem os poucos bons atletas escolhidos? E' o que veremos na continuação dos dias.